



O DESAFIO DE JOÃO WESLEY AOS METODISTAS DE HOJE

Gonzalo Baez Camargo
Setor Episcopal – I.M.S.
Terceira Região Eclesiástica

PREFÁCIO

Em 1984 estive visitando o Dr. Gonzalo Baez Camargo em sua residência no México. Tivemos com este dedicado e fiel leigo metodista momentos de renovada inspiração. Nesta ocasião, conversando a respeito do seu panfleto "*O desafio de João Wesley aos metodistas de hoje*", falamos da importância que o metodismo brasileiro teria ao poder publicá-lo. Prontamente, amorosa e delicadamente, recebemos do Dr. Baez Camargo a autorização de colocar nas mãos dos brasileiros esta sua publicação.

O texto original é fruto de estudos realizados pelo seu autor durante a reunião de jovens mexicanos na Conferência Anual do Centro, no mês de maio de 1953, quando se comemorava 250 anos do nascimento de João Wesley.

O Dr. Baez Camargo foi um dos líderes mais destacados da Igreja Metodista no México, América Latina e em todo o mundo. Mesmo sendo leigo, como educador, tornou-se um teólogo de grande destaque.

Meses após a nossa visita veio a falecer, tendo mais de 80 anos.

Esta publicação, bem como o seu livro "*Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano*", obra que expressa um estudo mais completo dos temas deste panfleto, a ser publicado o mais breve pela Imprensa Metodista, tornam-se uma expressão de reconhecimento e gratidão do metodismo brasileiro pela vida e ministério do Dr. Gonzalo Baez Camargo.

Iniciamos dia 24 de maio as comemorações dos 250 anos do surgir do Movimento Metodista. 1987 será um ano marcante para todos nós. Esperamos que esta publicação possa nos inspirar, fortalecer, renovar, unir e nos mobilizar no sentido de levar avante a missão do povo metodista junto de todo o povo de Deus, das pessoas, grupos, instituições e nação.

Expressamos a nossa gratidão a todos quantos se esforçaram para que fosse possível a publicação popular deste panfleto, destacando-se o nome de Andres Aguiar, que o traduziu, Azor Felipe, que datilografou o texto, e o Setor Gráfico do I.M.S. que o imprimiu.

Com muito amor e oração entregamos esta publicação ao povo metodista de nossa Pátria.

maio de 1986

Nelson Luiz Campos Leite
Bispo da Terceira Região Eclesiástica

O DESAFIO DE JOÃO WESLEY AOS METODISTAS DE HOJE

É muito oportuno considerar, quando se inicia o período preparatório da comemoração dos 250 anos do movimento Wesleyano, aquilo em que se apoia o metodismo; no que consistiu o gênio e o espírito do metodismo primitivo. Pois a melhor e mais efetiva forma de comemorar os 250 anos do movimento religioso de João Wesley, é recuperar o ímpeto espiritual que deu origem ao movimento metodista.

UM AVIVAMENTO EVANGELÍSTICO

O metodismo não foi outra coisa do que umadas muitas expressões do ímpeto da constante renovação espiritual, por cima e por baixo de formas vazias, que constituem o gênio e a potência do cristianismo. Está na família de todos os movimentos de reforma cristã que têm aparecido no decorrer da história. Foi com cada um deles, um esforço tenaz de retornar às fontes originais e a experiência autêntica do cristianismo evangélico e apostólico. "O avivamento evangélico do século XVIII" é a expressão sinônima do metodismo que usam os historiadores.

João Wesley não se propôs fundar uma nova igreja ou uma nova denominação. Se a força das circunstâncias históricas obrigou o metodismo a se constituir finalmente numa denominação e Igreja separadamente, o mesmo sucedeu contrariando aos desejos e propósitos originais do reformador. Wesley sempre considerou-se como um ministro da Igreja Anglicana e o nome que deu em primeiro lugar aos grupos metodistas foi o de "SOCIEDADES" e não o de Igrejas ou Igreja. Não queria sair da Igreja Anglicana e sim reformá-la por dentro.

Cada passo que o reformador deu em direção a uma organização separada, foi impulsionado em grande parte pela atitude intolerante e perseguidora dos hierarcas (líderes) anglicanos de sua época. Como lhe fora negado os púlpitos oficiais, se lançou a pregar nas ruas e campos. Negando-se os bispos anglicanos a ordenar os seus pregadores, ele criou uma ordem de "PREGADORES LEIGOS" (os verdadeiros pregadores do metodismo), e só depois de uma grande luta interna se atreveu a ordenar na companhia de outros presbíteros anglicanos, novos ministros. Somente diante do que pelo momento parecia a única saída, rendeu-se, não sem dor à necessidade de romper a unidade do anglicanismo.

No seu escrito "O caráter de um metodista" (1742), Wesley escrevia: "É o simples e antigo cristianismo o que prego, renunciando e detestando todas as outras marcas de distinção. Porém, dos verdadeiros cristãos qualquer que seja sua denominação, desejamos ardentemente em nada nos distinguir. . . Por questão de opiniões e termos, não destruamos a obra de Deus. Amar e temer a Deus? Isso é o bastante! Te estendo a mão direita do companheirismo". E depois, repudiando o cargo de querer fundar uma nova seita, o Primeiro Metodista chega a dizer: "Eu me regozijaria (tão pouca ambição tenho de ser cabeça de uma seita ou partido), se o próprio nome metodista não tornasse a se mencionar jamais, mas sim fosse sepultado em eterno esquecimento".

A verdade é que a essência do metodismo não se encontra em ser peculiar ou "diferente" ou em ser algo mais e melhor "denominacionalmente" falando, que os demais grupos cristãos. O metodismo aspirou ser e foi, antes de tudo "um avivamento evangélico". Como tal, achou expressão não somente nas sociedades metodistas, como também nos avivamentos sucessivos que, por repercussão espiritual, as outras denominações experimentaram inclusive a própria Igreja da Inglaterra, algumas de cujos altos representantes abriram mais tarde com carinho e respeito ao velho Wesley, púlpitos que se lhe tinham fechado.

Avivamento evangelístico. Que quer dizer isto? Simplesmente um retorno à experiência e doutrina da salvação pela graça livre e universal de Deus, em Cristo Jesus e ao gênero (tipo) de vida e obras cristãs que procedem dessa experiência.

Primeiro a experiência e depois a doutrina. O metodismo não surgiu de uma idéia teológica nem de uma suposta cruzada "Fundamentalista". Surgiu de uma *viva experiência da graça regeneradora de Jesus Cristo*. A teologia veio depois e não com ânimo impositivo. Por que se, por exemplo, existia no metodismo uma forte inclinação arminiana, também existia nele um galho calvinista de importância. E por cima de algumas controvérsias inevitáveis entre ambas as tendências estava, em essência, a unidade de uma experiência: a da regeneração pela graça divina. Além desta, a determinação de Wesley: "*Quando a todas as opiniões que não danificam as raízes do cristianismo, NÓS PENSAMOS E DEIXAMOS PENSAR*". Nada mais longe do verdadeiro espírito metodista que o querer, pessoa ou grupo algum, colocar-se numa posição de superioridade ou de um supremo e inapelável tribunal de ortodoxia.

"Os fundamentos mesmos do movimento diz J.W. Bready — foram práticos e experimentais mais do que teóricos e metafísicos". Experiência da graça regeneradora de Deus em Cristo. Eis aqui a essência do metodismo. Porém já se vê que não é essência exclusiva. Todo verdadeiro cristão, metodista por nome ou não, haverá de ter essa experiência. Toda denominação, metodista de nome ou não, que permaneça nessa experiência e a tenha como substância de ser cristão, e procure e promova entre seus membros, é tão cristã e evangélica como o metodismo. E toda pessoa ou grupo que não tiver essa experiência, ou que dê mais importância às formas de ordem eclesiásticas, ritos ou tradições, do que a ela, nada terá de metodista, seja quem for ou se chame como chamar, outra coisa do que um nome sem sentido.

Aos primeiros metodistas deram-lhes o nome de "os entusiastas". Os primeiros metodistas não foram realmente, aqueles jovens estritos e únicos do Clube Santo de Oxford, que procuravam numa piedade legalista e ascética sua salvação. Os primeiros metodistas, foram na verdade, aqueles rudes mineiros de Cornwallis, aquelas mulheres resgatadas do pecado, aqueles limpadores de lareiras de Londres — todas aquelas pessoas deixadas (desprezadas) de lado pela sociedade — para eles a mensagem da graça universal e infinita de Deus em Cristo Jesus, pregada por Wesley, foi como o ser inundado por uma alegria que não se podia conter nas vidas antes opacas e silenciosas.

O que mais era criticado do metodismo primitivo, pelos clérigos ritualistas da Igreja oficial e pelos senhores agraciados da alta sociedade inglesa, era o entusiasmo. O movimento esteve a beira de se chamar "entusiasmo" no lugar de "metodismo". Porque o apelido de "entusiasta" andava de braços com "metodistas". Imaginemos! Seríamos hoje a Igreja Entusiasta, em vez de Igreja Metodista.

O primeiro sermão que Wesley pregou depois de sua experiência em Aldergate foi sobre o texto: "*E esta é a vitória que vence o mundo: nossa fé*". Foi um canto de vitória. O metodismo nasceu ao som de trombeta triunfal levando cantos de libertação nos lábios e um desejo de sagrada exaltação nos corações. "*Essa noite — escreve Wesley no seu Diário — me atacaram fortemente, um grande número de pessoas, me chamando de um entusiasta*". E quando Carlos Wesley se dispôs ir aos campos e praças levando seus imortais hinos de graça, amor, gozo e vitória espiritual, o metodismo se tornou um cântico contagiante e as misérrimas e oprimidas massas populares, se irromperam em ondas de entusiasmo. "*Uma piedade azeda (amarga) — escreveu outra vez o Fundador — é religião do diabo*".

Quem fala ou escreve um golpe de vista ou de ouvidos sobre a "frieza do protestantismo", passando por cima do gozo e da manifestação de entusiasmo e alegria transbordante que tem-se encarnado no movimento moravo e metodista, deixa de compreender um dos aspectos importantes ali presente. As populações inglesas não tinham conhecido mais alegria que a tórpida e artificial dos licores nem mais cantos que os que eram ouvidos nos bares. Um dia se sentiram possuídos de uma embriaguez espiritual — como a dos apóstolos no pentecostes — e começaram a cantar hinos de redenção: havia nascido o metodismo.

Porém, não vá pensar que o metodismo primitivo se converteu numa simples onda de emoções incontroladas e sentimentalismo.

Wesley tinha experimentado uma profunda mudança no coração, mas sempre conservou a cabeça no lugar. Sua mãe Suzana tinha lhe ensinado, desde criança, a raciocinar tão serenamente quanto lhe fosse possível, antes de tomar qualquer decisão. A partir dessa data tomou o hábito de escrever num papel, minuciosa e friamente, os prós e os contra de qualquer questão, para pensar nas razões de agir num ou noutro sentido.

Mais tarde então, quando chegou à sua vida a envolvente experiência pessoal da graça e quando ficou à frente do mais poderoso avivamento cristão da época e um dos mais poderosos da história, pode combinar o entusiasmo com o juízo, o sentimento com a inteligência, o êxtase da alegria com o domínio e o raciocínio.

Nas reuniões metodistas começaram a suceder coisas estranhas. Pessoas que começaram a dar gargalhadas, gritos, gemidos lascinantes; pessoas que caíam no chão recontorcendo o corpo ou dançavam e pulavam. João Wesley observou aquilo com muita preocupação. E resolveu que tudo isto era obra do diabo, que tentava frustrar o grande avivamento. Então começou com doçura, mas com firmeza, a reprimir esses sentimentos de emocionalismo sem governo. Sem perder o entusiasmo, *o movimento excluiu as extravagâncias e o metodismo salvou-se de se tornar em histerismo*. Foi um *entusiasmo racional*.

Convém lembrar cada vez que nos sentimos tentados a acariciar um sentimento teatral e a buscar, nos avivamentos, a excitação des governada das emoções o equilíbrio tido em Wesley. Nada mais fácil, depois de tudo isso, que sacudir o sentimento deixando os nervos à flor da pele. Para estimular o povo nada fácil que quebrantar a voz, ficar lacrimando e usar uma eloquência razoável para incentivar desde o púlpito uma transbordante emoção, levando-o a se expressar com "Amens" barulhentos e emocionadas "aleluias". É verdade que há momentos de profundo sentir; toques do alto que chegam ao mais vivo de nossa alma. Isto não autoriza converter a excitação sistemática das emoções em recurso de oratória e técnica desonesta de um pseudo evangelismo.

Nosso Senhor Jesus Cristo, em quem habitava a plenitude do Espírito Santo, era a pessoa mais equilibrada, calma e sensata que existiu. Não tinha convulsões histéricas. Pelo contrário, aos que estavam possuídos lhes "expulsava os demônios". Teve suas grandes crises pessoais: a quarentena no deserto, o seu Getsemani. Porém, sua pregação era dirigida à inteligência ao mesmo tempo que ao coração; era um Mestre que explicava e ensinava tranquilamente e ao mesmo tempo um pregador que fazia soar sua profética voz de chamamento. E quando o entusiasmo das pessoas excedia e desencaminhava, ele logo

"os despedia" e ia só para "o monte a orar".

A forma mais segura de frustrar um avivamento é convertê-lo numa explosão de fumaça de simples emoções. O fiel discípulo de Jesus Cristo, João Wesley a entendeu desta maneira. Indo além das impressões do momento, cujo exagero reprimiu sem vacilar, procurou na verdadeira mudança de vida e de caráter, a prova da conversão e da presença real do Espírito Santo. E é por isso que pertence ao gênio de um metodismo autêntico, ter entusiasmo, sim, porém *entusiasmo racional*.

ESPIRITUALIDADE ESCLARECIDA (CULTA)

Os partidários de um excessivo ascetismo pretendem que a verdadeira espiritualidade, despreze a ilustração e a cultura. Eles querem que a ignorância fique escondida por traz de uma aparente e pretenciosa santidade. Fazem da inteligência um algo separado da alma, e supõem que a alma pode estar na luz, enquanto a inteligência está nas trevas.

Encontrei em certa ocasião, numa universidade dos Estados Unidos, um jovem estudante, membro do movimento chamado "*Juventude para Cristo*", em pé ao lado de uma mesa onde eram expostos os livros recomendados durante uma campanha de evangelização estudantil. "*Vê o senhor todos estes livros?*" disse ele — *Eu não necesito lê-los para a saúde de minh'alma*".

Certamente que o saber não salva, porém um cristão redimido que sabe bastante, e põe o que sabe ao serviço do seu Redentor; pode ser nas mãos divinas um instrumento mais útil.

São Paulo disse: "*Se eu tivesse toda a ciência... e não tendo amor nada sou*". Mas disse a mesma coisa da fé. E em Filipenses pedia: "*Que vosso amor abunde mais e mais em ciência e em todo conhecimento para que possais discernir o que é melhor*". O movimento metodista assinalou uma nova e profunda espiritualidade. Mas de uma espiritualidade ilustrada, plena de conhecimento. Uma espiritualidade que já do começo procura difundir e desenvolver a educação e a leitura de bons livros. Os clérigos da época cheios de termos do latim, de preocupações metafísicas e teológicas torciam o nariz diante dos pregadores e membros metodistas, chamando-os de "turba de ignorantes". Era verdade que a grande maioria provinha dos grupos inculdos do povo, porém Wesley não os deixou permanecer naquele estado, e muito menos lhes incutiu na mente com a idéia de que a santidade não necessita ser esclarecida e sem conhecimento.

Aos seus pregadores prescreveu cursos de leitura sistemática, os quais depois examinava. Era necessário "pelo menos cinco horas cada 24, dedicados à leitura dos livros mais úteis". Sem ler em forma prolongada, dizia, não se pode chegar a "ser jamais um pregador profundo, como também um completo cristão". Colocando-se como exemplo, o fundador do metodismo era um leitor voraz sobre uma grande variedade de assuntos. Tinha interesse especial pela física e dentro dela pela eletricidade. Devorou, quando caíram em suas mãos, os escritos de Franklin, Priestley e outros famosos físicos da época. Fazia as mesmas experiências com máquinas elétricas. De um modo particular se interessou na aplicação da eletricidade à medicina, ou-

tra ciência que estudou de forma assidua, e este escreveu um livro curioso intitulado: *Física Primitiva (Método fácil e natural de curar a maioria das enfermidades)*.

Pessoalmente preparou sua famosa *Biblioteca Cristã*, composta de cinquenta volumes, que fez publicar, abreviando e condensando para fazê-la mais acessível ao povo, obra dos maiores autores. Foi uma das mais notáveis e primeiras coleções de divulgação e cultura popular dos tempos modernos. Estabeleceu "Salões de Leitura". Pediu aos seus pregadores para difundirem intensa e constantemente os livros, rogando que cada um fosse "Mordomo do Livro".

Os metodistas mesmo os mais pobres e humildes, iam formando nos seus lares — algo inaudito até aquele momento — pequenas coleções de livros, as primeiras bibliotecas privadas no meio das massas populares daquele tempo. Os pregadores itinerantes que percorriam quilômetros e quilômetros a cavalo chegaram às mais afastadas aldeias com as sacolas em suas selas, cheias de livros e folhetos. Wesley formou um fundo especial para prover de livros de baixo custo as pessoas mais pobres. Ele mesmo escreveu milhares de folhetos e sermões. Fundou a *Revista Arminiana*. O metodismo foi em resumo, o primeiro grande movimento moderno de educação dos adultos e difusão popular de cultura.

Deve-se acrescentar a essa árdua campanha em favor da leitura, a fundação de escolas para crianças e adultos, entre as quais estavam aquelas primitivas Escolas Dominicais de Roberto Raikes e que eram como todos sabem, não somente escolas de educação religiosa, como também de letras, iniciação nas artes e ciência. "*Pregai expressamente em favor da educação*", era a recomendação de Wesley aos seus pregadores. E quando alguém reclamava: "*bem, é que eu não tenho dom para isso*", a resposta do fundador não se fazia esperar: "*com dom ou sem ele tem de fazê-lo; de outra forma não está chamado para ser um pregador metodista*". É com razão que a Enciclopédia Britânica diz dele: "*Nenhum homem fez tanto no século dezoito, para criar o gosto pela boa leitura e para provê-lo com livros dos mais baixos preços*".

Por isso o avivamento metodista não foi só um ressurgimento da espiritualidade, mas também um verdadeiro renascimento da cultura e da educação popular. A santidade que Wesley pregava não era a "Sancta Simplicitas", ou "santa ignorância" do obscurantismo. Era um fulgor de luz no coração, que chegava até a inteligência. Queria que seus pregadores fossem piedosos, sim, antes de tudo, porém ao mesmo tempo ilustres, estudiosos, leitores assíduos, e incansáveis disseminadores da educação e da cultura.

Nada há mais fácil que fazer de uma falsa piedade o apoio para a indolência e o adormecimento intelectuais. Nada mais fácil que pretender dissimular com uma quantidade de frases piedosas, bem memorizadas, a ausência de estudo e preparo. Nada mais fácil que suprir a solidez do pensamento e o fervor autêntico, sem os conhecimentos fundamentais da cultura, apelando para o "*barulho dos instrumentos e o repicar dos tambores*" de uma "*eloquência*" inflamada e lacrimosa. Todavia, nada disso tem o direito de se chamar "*metodista*", porque o metodismo genuíno foi, e está sendo, e deverá seguir sendo piedade culta, santidade inteligente e espiritualidade esclarecida.

EVANGELISMO REVOLUCIONÁRIO

Poucas coisas tem sido mais perniciosas para a evangelização efetiva do mundo quanto a artificial e indevida separação que tem sido feita, opondo-se às vezes como adversários irreductíveis, entre o esforço pela regeneração dos indivíduos e o esforço pela restauração moral da sociedade em conjunto. Até inventaram os termos: "*Evangelismo Pessoal*" por um lado, e "*Evangelismo Social*" por outro; ou simplesmente se tem defrontado como rivais irreconciliáveis, o "*evangelismo*" e a "*obra social*".

Formaram-se, desta forma, dois grupos extremos, duas parcialidades que deixam o evangelho de Cristo, cada um deles, incompleto: o Cristo que chamava pecadores ao arrependimento, porém também dava de comer às multidões, curava os enfermos e denunciava com santa indignação os exploradores dos órfãos e viúvas. Alguns dizem estarem muito ocupados em salvar as almas uma a uma, que não têm interesse em estirpar as injustiças econômicas e sociais. Os outros pretendem estar tão atarefados reformando a sociedade, que não acham tempo para a regeneração das almas individuais. Uns se dedicam exclusivamente a tirar as pessoas da lama sem fazer nada para que esta desapareça, sem perceber que outros vão cair ali novamente; outros se dedicam ao aterro da lama sem se importar com os indivíduos que estão afundando nela. Como é possível que tanto uns como os outros não chegam a entender que as duas coisas são necessárias e as duas devem ser feitas?

Sem dúvida que a obra de conversão dos indivíduos é o fundamental. Para mudar o mundo temos que mudar o homem. A raiz do pecado, tanto individual como social, está no coração da pessoa, e se ele não mudar, nenhuma reforma social vai dar resultado. O erro não está em dar prioridade à obra da salvação individual, mas sim a "*limitar-se a ela*". Ninguém que se interessa em salvar homens do pecado, pode ficar indiferente diante das muitas formas de pecado social que leva os indivíduos a pecar. Há algo falso no fervor salvacionista de pessoas que se tornam insensíveis diante do sofrimento econômico, a opressão, a exploração, a injustiça e o *mal social*.

O metodismo foi, como já vimos, um avivamento espiritual, uma recuperação do antigo e esquecido *evangelho* da graça de Deus, livre e abundante para todas as pessoas. O seu interesse fundamental estava na conversão das almas individuais, porém não foi exclusivista. O seu amor pelas almas arde como uma chama viva, que foi além da tarefa de resgatá-las uma a uma. Enfrentou uma sociedade que adotara

instituições, sistemas e práticas de iniquidade e lutou com afinco irredutível pela sua extirpação.

Para Wesley e os metodistas primitivos, não existia essa separação entre "evangelismo" e "obra social". Para eles a obra de evangelização era tão individual como social. Professavam um evangelismo revolucionário. No prefácio do primeiro *Hinário Metodista* (1739) dizia Wesley: "O *Evangelho de Cristo* não conhece outra religião que a social nem outra santidade que a santidade social. Este mandamento temos de Cristo, que o que ama Deus, ame também ao seu irmão". E num célebre sermão pregado em Oxford em 1744 disse: "*Todo projeto para refazer a sociedade, que não se importa com a redenção do indivíduo, é inconcebível. . . E toda doutrina para salvar os pecadores, que não tem o propósito de transformá-la em guardiã contra o pecado social é igualmente inconcebível*".

Com o mesmo fervor com que pregava aos homens o arrependimento, e os chamava para resguardar-se na graça redentora de Deus em Cristo, o grande metodista se lançou num ataque de frente contra as maiores injustiças e pecados sociais de sua época. Se transformou em campeão decidido, valente, incansável, da abolição da escravidão; lutou para terminar com a exploração das crianças e mulheres nas fábricas; intercedeu pela redução da jornada de trabalho e o aumento dos salários; trabalhou com fervor pela reforma do sistema penal e a humanização das cadeias; odiou a guerra, condenou o abuso do dinheiro e os privilégios; atacou com dureza o tráfico de licores; propôs uma reforma agrária que acabasse com o latifundismo e propôs um sistema de preços justos, salários adequados e trabalho para todos.

Tudo isto tem hoje som de comunismo? Todavia é evangelho autêntico e metodismo genuíno. São de João Wesley e não de um demagogo marxista estas palavras proféticas: "*Dai liberdade a quem tem direito à liberdade, ou seja, a todo filho de homem, a todo aquele que faz parte da natureza humana. . . Fora com os açoites (látigos), todas as correntes e todas as opressões*" (Pensamentos sobre a escravidão, 1774). E estas outras do seu Diário, fevereiro, 9, 1753 — "*É perversa e diabólica e falsa a comum objeção: 'Os que são pobres estão assim por serem preguiçosos'*".

Para provar este esforço social do metodismo, basta mencionar os dois grandes triunfos obtidos nessa área na Inglaterra: a abolição da escravidão consumada por Wilberforce e a emancipação dos operários industriais, consumada por Lord Shaftesbury. John Howard consumou a reforma do sistema das prisões, uma causa humana que Wesley começou a agitar. Eis aqui o esplêndido e autorizado tributo de

Lloyd George: "*O movimento que conseguiu melhorar as condições das classes trabalhadoras no que se refere a salários e horas de serviço, e outras melhorias, achou a maior parte de seus melhores chefes e oficiais, em homens que foram educados em instituições que foram frutos do metodismo*".

Os historiadores e sociólogos estão em comum acordo ao afirmar que a razão de que a Inglaterra se salvou de subversões sociais sangrentas, e de que o socialismo britânico esteja impregnado do sentido religioso (no lugar de ser ateu como em outros meios), deve-se isto ao poderoso alento social derivado do metodismo.

UM MINISTÉRIO LEIGO

Foi providencial o fato de que o clero da Igreja Anglicana, à qual João Wesley pertenceu até à morte, se mostrasse hostil ao movimento metodista. Assim nasceu uma das instituições mais características desta: o ministério leigo. É verdade que nos planos originais do reformador não existia a criação de uma nova denominação ou igreja independente. Teria desejado em princípio que o avivamento cujas chamas de fogo estavam incendiando toda a Inglaterra, viesse a constituir uma espécie de ordem leiga dentro da igreja oficial. Por esse motivo os primeiros núcleos metodistas vieram a se chamar sociedades. Para lhes ministrar os sacramentos, a pregação da palavra e os outros "meios da graça" Wesley contava com que um número suficiente de ministros já ordenados, pertencentes ao clero anglicano, se unisse ao movimento.

Porém assim não aconteceu. O ministério anglicano não só evitou isto, em modo geral, como também lançou-se numa dura ofensiva desde os púlpitos e líderes eclesiásticos. Ao próprio Wesley, mesmo sendo legitimamente ordenado, lhe fecharam os templos e púlpitos. Não obstante à medida que o movimento crescia, com a força de uma torrente, em elevado declive e aumentavam as multidões ávidas de nutrição espiritual, maior se tornava o problema de contar com um número também crescente de ministros que pudessem pastoreá-las eficazmente. Por algum tempo, João Wesley não conseguiu encontrar a solução. Educado nos padrões da igreja anglicana, se firmava em duas normas quanto ao ministério: 1º) *Que só os que tivessem sido ordenados eclesiasticamente poderiam ministrar espiritualmente ao povo;* 2º) *Que só os bispos que estavam dentro da "sucessão apostólica" poderiam conferir ordens ministeriais válidas".* Com este critério, o reformador encontrava-se num beco sem saída; e cada vez mais lhe faltavam ministros, por que os que se lhe uniram eram pouquíssimos e os bispos anglicanos se negavam a ordenar candidatos metodistas ao ministério. Que fazer? Quando Deus enviou a solução, Wesley não pôde reconhecê-la a princípio e até chegou a rejeitá-la escandalizado. Entre os muitos convertidos em Bristol, havia um artesão quase analfabeto, Tomás Maxfield, a quem como a outros o reformador tinha recomendado ler a Bíblia, acompanhando com algumas explicações elementares, para as sociedades, porém com a advertência de não tentar pregar, pois isto era só para os eclesiásticos.

Pois bem, impulsionado por seu zelo, Maxfield começou a pregar, e sua pregação estava cheia de poder. Mas Wesley não se agradou daquele atrevimento: *Tomás Maxfield se tornou um pregador!* Foi Su-

sana, a mãe de Wesley quem respondeu a esta exclamação com um conselho histórico. Apesar de ela mesma estar orientada pelas normas anglicanas e sua instrução de mulher de elevada espiritualidade, a colocou por cima do rigor eclesiástico: *"João, respondeu ela, você sabe qual teria sido o meu modo de sentir. Não pode suspeitar que eu esteja disposta a favorecer, sem mais nem menos alguma coisa dessa espécie. Porém, tome cuidado com o que vai fazer com respeito a esse jovem, porque Deus o tem chamado a pregar, tão certo como chamou você. Considere quais são os pontos de sua pregação e o escute pessoalmente"*. João foi ouvir o novato pregador e não pode senão dizer: *"Isto é coisa do Senhor! E faça Ele o que achar que está certo"*.

Naquele dia de 1742 nasceu o ministério leigo metodista. Depois de Maxfield vieram outros às dúzias e depois aos centos. Vencendo seus próprios escrúpulos, Wesley os comissionava a pregar. Artesãos, camponeses, profissionais, sem abandonar o seu meio de sustento, até que a congregação lhes desse o sustento; e foram formando as heróicas brigadas de ministros leigos. Por outro lado, Wesley tinha organizado as sociedades em classes ou grupos, cada um ao cuidado de um diretor (líder) leigo, que exercia com respeito a liderança daquele grupo de almas com todo carinho e funções de um pastor auxiliar. Uns e outros foram as colunas do metodismo, a cujos esforços abnegados e persistentes deve-se a grande parte do rápido crescimento do movimento.

E dessa forma foi recuperado um aspecto esquecido e soterrado do primitivo cristianismo: O de haver sido antes do que nada e sobretudo, um movimento leigo, dirigido por leigos. Um movimento sem obstáculos hierárquicos, sem clero, ou casta sacerdotal, sem burocracia eclesiástica. Um movimento em que todo crente, recebia por ministério do Espírito Santo, a ordenação sagrada de ser testemunhador e anunciador do Evangelho. Um movimento no qual, como deve ser, havia diversidade de dons, e com eles ministérios; não eram estabelecidas distinções de classes ou categorias entre as vocações, chamando umas de "profanas" e a outras "sagradas" quando a vida do crente estava consagrada ao Senhor. Um movimento, enfim, que tem por cabeça a quem foi, conforme sua vida humana, um artesão regional e de quem é dito (Heb. 8.4), que *"se estivesse na terra, nem assim seria sacerdote"*. Pois o seu *"sacerdócio imutável"* era um sacerdócio espiritual do qual Ele se digna fazer participantes, e ao qual Ele chama a todos e cada um dos que crêem nele e o seguem.

Dessa forma, com seu ministério leigo, o metodismo, novamente trouxe à luz e encarnou dramaticamente a verdade evangélica de que todas as vocações podem ser sagradas. Pois não é a índole do ofício

ou da profissão que os constituem em “profanos” ou “sagrados”, se não a qualidade de vida de quem os exerce, à medida de sua entrega ao serviço (“ministério” quer dizer “serviço”) de seu Salvador. E quando, independentemente do campo particular do serviço a que Ele chamar, as ordens recebidas são D’Ele, então essas ordens recebidas, são indiscutivelmente, ordens sagradas.

Isto, de forma alguma, anula a necessidade de que exista um ministério mais específico, para o desempenho de funções mais concretas, do ponto de vista da organização, governo e disciplina institucional. Um ministério cujo sinal e investidura é a cerimônia da ordenação eclesiástica propriamente dita, do qual é esperado a dedicação do seu tempo às ocupações da pregação, à administração dos sacramentos, ao pastoreio das almas, e ao qual lhe estejam impedido os trabalhos e negócios seculares. A igreja os separa para o cumprimento exclusivo dessa missão e para isto lhe provê o sustento material.

Porém este ministério específico não constitui classe ou casta separadamente. Menos ainda outorga em si próprio, além da qualidade de vida, fidelidade e consagração pessoal da que professa, alguma superioridade, ou privilégio no reino dos céus. Não dá mais honra que o que Deus dá a quem nessa ou noutra profissão honrem a Ele primeiro e dessa forma honrem o ministério e honrando-o, honra-se a si próprio. Recebe credenciais que são necessárias aos fins de organização aqui na terra, porém não serão essas as credenciais que haverão de lhe servir como “ingresso” quando deve comparecer diante da presença do Senhor. Já São Paulo o definiu de uma vez para sempre: *“E há distribuição de ministérios; mas é o mesmo Senhor”*, e a questão das hierarquias e categorias, o próprio Jesus a definiu com palavras que não serão anuladas: *“Se alguém quer ser o primeiro, seja esse o derradeiro de todos e servidor de todos”*.

DISCIPLINA DEMOCRÁTICA

João Wesley governou o movimento metodista desde seu começo, com doçura e amor, não isento de firmeza e energia quando foram necessários. Porém governou centralizado na sua pessoa como autoridade para decisões finais. Usando termos francos, ele era a autoridade suprema do metodismo nascente. Foi de certa forma um ditador eclesiástico.

Porém sempre teve essa autoridade praticamente absoluta, como apenas medida de emergência. A posição que o metodismo encontrava por um lugar e outro, as urgentes necessidades espirituais de movimento cujas fileiras cresciam de forma surpreendente, exigiam rapidez de ação e uma disciplina de luta e trabalho semelhante às requêridas numa companhia militar. Por este motivo Wesley assumiu o comando de general-chefe, e organizou seus pregadores como oficiais e aos metodistas como soldados. Estudava os problemas em oração e à vista da Palavra de Deus, procurava também o conselho de seu irmão, mas reservava-se o direito de tomar a decisão final e de fazer com que fosse executada sem vacilações.

Porém, seria um grave erro acusar Wesley de espírito autocrático e arbitrário. Nunca imaginou que o metodismo se governaria perfeitamente da forma em que as circunstâncias obrigaram-no a governá-lo. E a prova é que bem antes de morrer, determinou que assim que ele faltasse, o governo das comunidades metodistas passasse lentamente às Conferências Anuais, as quais conduzir-se-iam como verdadeiros parlamentos democráticos. O metodismo veio ser afinal, na sua essência, um movimento profundamente democrático.

A experiência de Wesley em Aldersgate não foi somente a conversão de uma religião de justificação própria a uma religião de livre graça. Foi também a conversão de um sacerdotalismo rígido e de uma ordem hierárquica, a uma fé democrática e a um sistema popular. Com seu Clube Santo, Wesley havia ensaiado o método do rigor, da disciplina fria e árida, esperando que nesse clima florescesse uma verdadeira piedade. Foi o mesmo espírito que levou sua obra missionária à Georgia e ali só conheceu fracassos. Em Aldersgate obteve um novo e profundo sentido da dignidade e liberdade da pessoa humana, que não poderia governar-se com simples ato de autoridade, nem pode desenvolver num clima de ordens absolutas e rigores legais. Depois de Aldersgate, Wesley soube combinar a ordem com a democracia e a disciplina com a liberdade.

Apesar de ser ministro anglicano (até sua morte continuou assim) Wesley não estabeleceu para seu movimento uma hierarquia clerical

do tipo monárquico. Só estabeleceu “superintendentes”, os quais poderiam ordenar ministros: e este último autorizou, forçado pela renúncia das autoridades anglicanas, a dispensar a ordenação chamada “apostólica” aos pregadores metodistas. O episcopado metodista nasceu nos Estados Unidos, e sua aparição deveu-se em grande parte ao fato de que esta nação tinha se tornado independente da Inglaterra e o metodismo norte-americano constituiu-se autônomo. Mesmo assim, o episcopado metodista nunca foi do tipo autoritário ou uma casta hierárquica. Era ainda menos do que monárquico constitucional. Asbury e os bispos que o sucederam, tentaram seguir sendo simples “Superintendentes Gerais” – “episkopos” – no sentido neo-testamentário, como supervisor, e não de uma autoridade hierárquica.

O alento democrático do metodismo, surgiu da sua convicção na liberdade interior, que da mesma forma quando nasceu a reforma do século XVI, foi o pivô essencial do movimento. A “paixão pela justiça e a liberdade interior foram a essência da cruzada evangélica; disto não pode existir dúvidas” diz J. W. Bready. E são do próprio Wesley, nos seus pensamentos sobre a escravidão, as seguintes palavras que tremulam ao vento como uma magnífica bandeira de emancipação: “Dai liberdade a quem merece liberdade, isto é, a todo participante da natureza humana”. Fora com todos os açoitos e todas as cadeias (prisões), todas as imposições.

Não poderia ser partidário de uma autoridade eclesiástica quem tanto insistia, como Wesley, no livre arbítrio humano. Na organização interna do movimento metodista, os grupos denominados “classes” foram verdadeiros depositários de uma educação democrática. Nesses grupos havia oportunidade para intercâmbio de opiniões e discussões. O diretor da classe era apenas um irmão maior. E o seu caráter de leigo era uma garantia contra qualquer tentativa de se constituir um movimento hierárquico clerical, com poderes sobre a massa de fiéis. As “classes metodistas” eram verdadeiras células, não somente no crescimento espiritual, como também na educação democrática de quem a formava. Com muita razão Dobbs diz: “Um círculo de operários ou mecânicos, a quem guiava no culto ou na conferência, um membro de sua própria categoria, foi um grande passo para a democracia.

Para Wesley e o metodismo original a disciplina não é precisamente a afirmação de um princípio de autoridade hierárquica ou a instituição de poderes autocráticos nos quais governam a igreja. A disciplina seria algo como domínio próprio, de autogoverno pessoal, de ordem e eficiência prática para melhor servir os interesses do Evangelho. Por isso o verdadeiro centro e base da Disciplina Metodista é

constituído pelas regras de disciplina e conduta pessoal; de caráter e comportamento ético, que Wesley aconselhou aos pregadores e fiéis. Tentar fazer da disciplina uma couraça de aço, seria desviá-la do seu verdadeiro espírito e sentido.

O metodismo foi um movimento de massas, o despertamento do homem do povo, do homem comum, para um novo sentido de dignidade e independência espiritual. Essa virtude foi intensa e genuinamente democrática. Autorizados historiadores e sociólogos têm chegado à conclusão de que é ao metodismo que se deve esse alento que animou esse exemplo de democracia, que é a democracia inglesa. Enquanto o povo da França ia por caminhos da violência, a revolução do terror e guilhotina, na Inglaterra, mercê em grande parte da inspiração do avivamento metodista, a revolução do povo assumiu a forma de uma pacífica, porém profunda transformação política, social, econômica, moral e espiritual.

O metodismo realizou, com boa base espiritual e um profundo conteúdo ético, as divisas da França revolucionária: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. A religião foi no metodismo “uma religião do povo, para o povo e pelo povo”. (Bready) Nenhum despotismo, civil ou eclesiástico, é compatível com o gênio e espírito do metodismo, porque desde o princípio o metodismo foi uma democracia disciplinada e uma disciplina democrática.

PALAVRA FINAL

Que o metodismo mantenha a sua tradição e avivamento evangélico, entusiasmo racional, espiritualidade esclarecida, evangelismo revolucionário, ministério leigo e disciplina democrática. Tal é o desafio de João Wesley aos metodistas de hoje.

Melhor dizendo, o desafio de Cristo, porque Wesley não foi mais do que o profeta de uma época, através do qual, Jesus Cristo fez chegar ao mundo de então seu ardente chamado para uma revolução espiritual. Responder a este chamado de Cristo, será então a melhor maneira pela qual o metodismo brasileiro poderá comemorar a façanha religiosa, iniciada por Wesley em obediência à voz celestial.